

Índice

Nota do Tradutor	7
Almas Mortas	
Do Autor para os Leitores	13
Tomo I	17
Tomo II	287
Notas	437

CAPÍTULO 1

Pelo portão da estalagem da cidade de NN, capital de província, entrou uma pequena caleche de molas bastante bonita, uma dessas carruagens em que costumam viajar os solteirões: tenentes-coronéis aposentados, capitães-tenentes e proprietários rurais de uma centena de almas ou, por outras palavras, todos aqueles a quem chamam fidalgotes de segunda. Dentro da caleche, estava um senhor que nem era bonito nem malparecido, nem muito gordo nem muito magro, de quem não se podia dizer que fosse velho, mas que também não era novo. A sua chegada à cidade não provocou qualquer agitação e não teve nada de peculiar; apenas dois mujiques que estavam à porta da taberna em frente da estalagem fizeram uns reparos, dirigidos, aliás, mais à caleche do que ao seu ocupante. «Olha-me pra aquilo — disse um deles —, que grande roda! Achas que uma roda destas aguenta até Moscovo ou não?» — «Aguenta» — respondeu o outro. «E até Kazan? De certeza que não aguenta.» — «Até Kazan, não aguenta» — respondeu o outro. E a conversa ficou por ali. Há só a acrescentar que, ao chegar à estalagem, a caleche se cruzou com um jovem de calças brancas listradas, um tanto curtas e estreitas, num fraque com pretensões à moda, debaixo do qual se via um plastrão apertado com um alfinete de Tula em forma de uma pistola de bronze. O jovem voltou-se, olhou para a carruagem, segurou a boina com a mão, que por pouco não voou com o vento, e seguiu o seu caminho.

Quando a carruagem entrou no pátio, um criado da taberna, ou *polovói* — como estes criados eram chamados nas tabernas russas —, tão vivaço e irrequieto que nem dava para se lhe ver a cara, veio

ao encontro do recém-chegado. Todo ele, enfiado numa levita de fustão bem comprida, com as costas quase a chegarem-lhe à nuca, acorreu apressado, de guardanapo na mão. Sacudiu o cabelo e levou prontamente o senhor subindo a *galaria* de madeira, até ao aposento, que lhe tinha sido destinado pela Santa Graça de Deus Nosso Senhor. Já se sabia como seria o aposento porque já se sabia como era a própria estalagem, uma vez que cada capital de província tinha estalagens iguais, onde, por dois rublos ao dia, os visitantes são agraciados com um quartinho sossegado cheio de baratas que saem de todos os cantos como ameixas ressequidas, e uma porta sempre tapada por uma cómoda, que dá para o cubículo contíguo, onde já estava instalado um vizinho, uma pessoa calma e calada, mas extremamente curiosa, sempre com vontade de meter o nariz nos assuntos do viajante recém-chegado. O exterior da estalagem condizia muito bem com o interior: era muito comprida, de dois andares; o de baixo não estava rebocado e tinha pequenos tijolos vermelho-escuros muito enegrecidos pelas borrascas do tempo, mas já de si mesmos bastante encardidos; o de cima estava pintado com a sempiterna tinta amarela. Em baixo, havia umas lojecas de jugos, de cordas e de guizeiras... Na loja da esquina, ou melhor, à janela da loja, via-se um vendedor de *sbiten*¹ com um samovar de cobre vermelho, com uma cara tão vermelha como o samovar, de maneira que, de longe, parecia que estavam dois samovares à janela, se um deles não tivesse uma barba escura como breu.

Enquanto o hóspede observava o quarto, trouxeram-lhe os seus pertences: em primeiro lugar, entrou uma mala de cabedal branco, um tanto esfolada, sinal de que já tinha percorrido muitos caminhos. A mala foi trazida pelo cocheiro Selifan, um homem baixinho com um gibão apertadinho forrado a pele de ovelha, e pelo criado Petru-chka, um jovem de cerca de trinta anos com ar um tanto severo, de lábios e nariz muito grandes, enfiado numa larga levita já surrada que tinha, decerto, herdado do patrão. Atrás da mala, entrou um pequeno baú de mogno com incrustações de bétula de Carélia, formas para botas e uma galinha frita embrulhada em papel azul. Depois de depositarem tudo, o cocheiro Selifan foi para os estábulos entreter-se com os cavalos, e o criado Petru-chka pôs-se a ajeitar o pequeno vestíbulo — um cubículo muito escuro — para onde se

apressou a levar o capote e, juntamente com ele, o seu odor peculiar, odor que também estava na trouxa com as suas tralhas de lacaio, que apareceu logo a seguir. Neste cubículo, acomodou junto à parede um estreito catre manco, tapou-o com uma enxerga miserável, espalmada como uma patanisca, e talvez tão gordurosa como ela, que lhe foi cedida, a muito custo, pelo dono da estalagem.

Enquanto os serviçais andavam na labuta das arrumações, o senhor dirigiu-se à sala comum. Qualquer viajante sabe muito bem como são estas salas: as mesmas paredes pintadas a tinta de óleo, escurecidas em cima pelo fumo do tabaco e polidas em baixo pelas costas dos mais diversos viajantes, mas sobretudo pelas costas dos comerciantes locais, pois eram precisamente estes que vinham em grupos de seis ou sete para se deliciarem com o habitual bule de chá; o mesmo teto encardido; o mesmo lustre sebento cheio de penduricalhos de vidro que saltitavam e tilintavam cada vez que o criado corria de um lado para outro pelo soalho já gasto, meneando com destreza a bandeja com chávenas encostadas umas às outras como aves à beira-mar; as mesmas pinturas a óleo que cobriam toda a parede; numa palavra, o mesmo que se vê por toda a parte. Apenas uma pintura com uma ninfa de seios descomunais, que o leitor nunca viu seguramente na vida, se distinguia das demais. Este jogo da natureza podia ser encontrado, no entanto, em diversos quadros históricos trazidos, por vezes, para a Rússia, sabe-se lá quando, como e por quem, talvez até pelos nossos nobres senhores, grandes apreciadores de arte, que se abastecem em Itália, a conselho dos cocheiros que os levam de um lado para outro. O senhor tirou o boné e desenrolou um cachecol de lã triangular com as cores do arco-íris, desses que as esposas tricotam com as próprias mãos para os maridos, dando-lhes indicações de como o devem pôr para se agasalharem melhor. Quanto aos solteiros, sei lá eu quem lhes dá aquilo, não faço a mínima ideia porque nunca usei tal coisa. Depois de desembrulhar o xaile, o senhor pediu que lhe trouxessem o almoço. Enquanto lhe serviam aquela ementa habitual das tabernas de província, nomeadamente, um prato de *chi*² acompanhado de um folhado, guardado de propósito durante várias semanas para os viajantes, miolos com ervilhas, salsichas com repolho, frango frito, pepino salgado e não podia faltar, claro, o indispensável pastel doce

de massa folhada, que tinha de estar sempre à mão. Enquanto lhe serviam tudo aquilo, requentado ou até frio, o senhor começou a conversar com o criado, o tal *polovói*, perguntando quem era o dono da taberna antes e quem era agora, e se o negócio dava muito lucro, e se o dono era um grande canalha, ao que o *polovói*, já por hábito, respondia: «Grande canalha, sim senhor.» Diga-se de passagem que, tal como na Europa moderna, também na Rússia moderna, há sempre aqueles senhores iluminados que nem conseguem comer sem antes falarem com o criado, e, por vezes, não perdem a oportunidade de lhe mandarem umas piadas mordazes, só por graça. Contudo, o viajante não fez apenas conversa fiada. Perguntou, e com toda a solicitude, quem era o governador da cidade, quem era o presidente da câmara, quem era o procurador, ou seja, não deixou escapar nenhum funcionário importante; e ainda com mais solicitude, para não dizer entusiasmo, passou em revista todos os terratenentes lá do sítio: quem tinha almas camponesas e quantas, se viviam longe da cidade, e até quis saber como eram de caráter e se apareciam muitas vezes na cidade. Prestou muita atenção ao estado da província, perguntando se esta não tinha sido atacada por nenhuma peste: febres fatais, maleitas assassinas, varíola e outras doenças do género — e tudo com tanta minúcia e tanto rigor que não davam lugar a dúvidas de que se tratava mais do que simples curiosidade. O senhor distinguia-se pelas suas maneiras imponentes e assoava-se com muito vigor. Não se sabe como fazia isso, mas, ao assoar-se, o nariz soava como um trompete. Esta virtude, tão aparentemente inocente, gangreou-lhe, porém, muito respeito por parte do criado da taberna, que cada vez que ouvia aquele rugido sacudia o cabelo, endireitava-se com reverência e, inclinando a cabeça lá do alto, perguntava: «Precisa de mais alguma coisa?». A seguir ao almoço, o senhor tomou um cafezinho e sentou-se no sofá, encostando-se a uma almofada daquelas que, nas tabernas russas, em vez de lã macia, são cheias com alguma coisa muito parecida com tijolo e pedregulhos. Começou a bocejar, e então pediu que o conduzissem ao quarto, onde se deitou e dormiu durante duas horas. Depois da sesta, escreveu num pedaço de papel, a pedido do criado da taberna, a sua categoria profissional, nome próprio e apelido, para entregar à polícia como era devido. Ao descer as escadas, o *polovói* leu, a soletrar, o

seguinte: «Conselheiro de Colégio, Pavel Ivánovitch Tchítchikov, proprietário rural, viajando para tratar de assuntos pessoais». Enquanto o *polovói* ainda decifrava a nota sílaba a sílaba, o próprio Pavel Ivánovitch Tchítchikov decidira visitar a cidade, com a qual ficou, ao que tudo indica, satisfeito, pois verificou que a cidade não se distinguia em nada das outras capitais de província, onde o opulento amarelo vivo das casas de pedra contrastava com o humilde cinzento das de madeira. As casas eram de um, de dois ou de um piso e meio e tinham o sempiterno mezanino, muito bonito, segundo o ponto de vista dos arquitetos locais. Por vezes, as casas pareciam perder-se no meio da rua, larga como um campo, entre as infundáveis cercas de madeira; noutros sítios, amontoavam-se e, ali, era visível mais movimento de pessoas e mais vida. Viam-se tabuletas com *pretzels* e botas, quase apagadas pela chuva; numas, viam-se umas calças azuis com a assinatura de um alfaiate qualquer de Arsóvia; numa loja de quépis e bonés estava escrito «Vassili Fiódorov, Estrangeiro»; mais além, via-se a imagem de um bilhar e de dois jogadores de fraque como os vestem nos teatros os convidados que sobem ao palco no último ato. Os jogadores faziam pontaria com os tacos e tinham os braços um pouco torcidos para trás e as pernas cruzadas como se tivessem acabado de fazer um *entrechat*. Por baixo de tudo isto, constava: «Aqui está o estabelecimento». Aqui e ali, ao longo da rua, estavam espalhadas bancas com nozes, sabão e broas que também pareciam sabão; volta e meia, via-se uma tabuleta a anunciar uma tasca com o desenho de um peixe com um garfo espetado. Contudo, viam-se repetidamente as enegrecidas águias bicéfalas nacionais, que, nos nossos tempos, foram substituídas pelo lacónico letreiro «Casa de bebidas». A calçada estava num estado miserável em todo o lado. O senhor deu também uma espreitadela ao jardim da cidade composto por umas quantas árvores fininhas e raquíticas, sustentadas por estacas triangulares requintadamente pintadas a tinta de óleo verde. Ainda que as árvores não fossem mais altas do que o junco, eram notícia nos jornais; assim, no artigo sobre a inauguração do jardim anunciava-se que «por grande mérito do governador civil, a nossa cidade ficou ainda mais bela graças ao rico jardim de árvores frondosas, as quais darão sombra e frescura em dias de muito calor», e dizia-se também que «era muito enternece-